

A CIÊNCIA DO CONCRETO NO MITO KANHGÁG: UMA PEDAGOGIA TRANSVERSAL E INTERDISCIPLINAR TECIDA PELO KOFÁ KANHRÓ GUFÃ DORVALINO REFEJ CARDOSO

JAQUELINE RODRIGUES MARQUES¹;
ROGÉRIO REUS GONÇALVES DA ROSA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – jaquelinerodriguesantro@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – roggerriorosa@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Neste ensaio etnográfico e etnológico discutirei a marcante passagem de Dorvalino Refej Cardoso pela UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e pela FURG (Universidade Federal do Rio Grande) durante o “Saberes Ancestrais e Ciência: Diálogos Antropológicos com o Kanhgág Dorvalino Refej Cardoso”, evento que marcou as comemorações dos seus 60 anos de vida, momento que ele ascendeu à concepção kanhgág de Kofá Kanhró Gufã (Velho Sábio Ancestral). As suas falas às pessoas ligadas a ambas instituições (gestão, direção, coordenação institucional, corpo docente, corpo discente indígenas e não-indígenas) remeteram às categorias de pedagogia transversal e interdisciplinar.

A ideia desse texto também foi entrelaçar CARDOSO e KRENAK (2022). Em suas palavras: “Para além de onde cada um de nós nasce — um sítio, uma aldeia, uma comunidade, uma cidade —, estamos todos instalados num organismo maior que é a Terra. Por isso dizemos que somos filhos da terra. Essa Mãe constitui a primeira camada, o útero da experiência da consciência, que não é aplicada nem utilitária. Não se trata de um manual de vida, mas de uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias mais reconfortantes que cada cultura é capaz de produzir que são chamadas, em certa literatura, de mitos. As mitologias estão vivas.” Essas perspectivas contidas nos mitos dos povos ameríndios permitem o futuro ser ancestral. Esses autores deram provas disso!

2. METODOLOGIA

Por meio da Antropologia participativa e seguindo a proposta de Dorvalino Kanhgág, o objetivo central de sua conferência e o método concernente foi a valorização da oralidade através da importância da escuta, do olhar, do sentir e da imitação. Em suas palavras: “a metodologia inspirada no pensamento kanhgág é o da observação da natureza, na qual nos sentimos incluídos e a temos como fonte inspiradora de vida e educação. Assim, a oralidade surge como prática educacional presente não somente nas falas das pessoas, mas na escuta respeitosa e atenta dos movimentos das águas dos rios, dos bichinhos, das plantas, dos espíritos, etc. A partir disso, realizando a genealogia da categoria de

oralidade — agora aproximando CARDOSO (2021) do “olhar, ouvir e escrever” de CARDOSO de OLIVEIRA (1996) — nós passamos pela onomatopeia e chegamos à floresta. Não por acaso, os “donos” dos saberes ancestrais dos Kaingang — presentes em seus mitos, rituais, xamanismo e sistema de metades clânicas — são os animais que vivem na floresta, destacando-se o pica-pau, o tamanduá, a onça, os passarinhos, entre tantos outros. Saberes discutidos através de textos etnológicos trabalhados nas disciplinas de Etnologia Ameríndia e Mitologia e Ritual do curso Bacharelado em Antropologia e Intelectuais e Epistemologias Ameríndias: um saber intercultural em foco, projeto realizado junto ao Núcleo de Etnologia Ameríndia — NETA.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A conferência: A construção de uma Antropologia a partir do Povo Kanhgág Coroado, no mesmo sentido, foi um convite à refletir sobre a metodologia e a pedagogia ministradas nas universidades, no que tange a formação de novos/as pesquisadores/as, com foco nos/as estudantes indígenas. Durante sua visita às duas universidades, Dorvalino Kanhgág dialogou com esses discentes, ouvindo-os, preocupando-se com o acesso, a permanência e a formação dos/as mesmos/as nas instituições. O Kofá Kanhró Gufã pediu-lhes que valorizassem seus saberes e práticas ligados às suas etnias nas pesquisas e em sala de aula. Bem como, ele dialogou com as universidades com o intuito de se pensar conjuntamente em soluções que possibilitem a mediação entre o abismo intercultural e a ciência, para que ambos possam ampliar os seus horizontes e florescer juntos, sem que o conhecimento técnico dos cursos corte as perspectivas dos mundos indígenas — da terra, do céu, da água, do ar, do fogo e da floresta — indo de encontro da pedagogia transversal.

Elucida à Lei nº 11.645, que prevê o ensino de história e cultura Indígena e Afro-brasileira durante o ensino fundamental e médio (porém, não prevê sua obrigatoriedade), complementando com sua caminhada pelo direito de uma escola com pedagogia marcada pelo “bilinguismo”. Para esse intelectual, bilinguismo se define pela “transmissão de conhecimento de um saber para o outro, na prática e na escrita – noção essa traduzida na ciência pela ‘interculturalidade’”. Ao todo, Dorvalino Kanhgág fez as seguintes reivindicações: realização de concurso público específico para professor permanente indígena; revisão da forma de avaliação do processo seletivo específico; construção de uma casa de estudantes somente para estudantes indígenas; monitoria em todos os cursos de graduação e pós-graduação; apoio psicológico individual e coletivo; cursos de informática; metodologias pedagógicas ligadas à cultura, essa marcada pela oralidade e por temporalidades específicas; traduzir os saberes científicos para os conhecimentos específicos de cada cultura dos/as estudantes; valorizar a oralidade, a espiritualidade, a ancestralidade, o sonho e a linguagem da natureza junto aos saberes vinculados ao corpo, a saúde física, mental e espiritual, aos alimentos, aos animais, às águas, aos territórios, às histórias e à mitologia, às identidades, às culturas e às cosmologias; dobrar o atual número de vagas especialmente dos cursos de medicina, enfermagem e odontologia; e, continuidade dos programas de bolsa e pagamentos em dia.

Durante a conferência, Dorvalino Kanhgág questionou a separação de algumas áreas do conhecimento, apontando suas semelhanças e suas lógicas culturais: “Qual a diferença da antropologia e da psicologia?”. Ambas são mediadoras de conflitos nos aspectos social ou coletivo/individual. “E a

arqueologia e geologia, ambas não estudam o solo?”. No pensamento kanhgág coroado está tudo interligado.

Em uma das pausas para beber água ele refletiu: “A água dentro desta garrafa está viva? Não! Não é como a água do rio que é viva, que tem horário para dormir e para descansar. E quando o rio acorda, sua água está limpa, é o horário que ela é remédio, bom tanto para gestantes beberem como para fazer tratamento às pessoas que estão doentes”. Em outra pausa, ele reitera: “Eu sonho! É preciso sonhar, comunicar-se com a espiritualidade, estudar através dessa comunicação para responder às questões. E se me perguntarem aqui algo que eu não saiba responder, a gente pode construir juntos a resposta. A forma de ensino da universidade, seu calendário é diferente do nosso ciclo, dos ritos de passagens, período de resguardo e de formação da pessoa. Que aprende por meio da oralidade, da mitologia, no cotidiano, nos ciclos e etapas da vida na aldeia, interagindo com os ciclos da natureza”. Vêm o sentido do sonho como uma instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano (KRENAK, 2020a).

A origem do pensamento kanhgág tece em uma mesma teia, humano e natureza, linguagem e expressão dos seres da floresta: o aviso dos pássaros, o tamanduá que ensinou a dançar, a onça que é fluente em todas as linguagens. Do ponto de vista cultural os animais têm um grande papel. Eles simbolizam forças da natureza e também características humanas, ocupando um papel fundamental na mitologia das tradições indígenas. O rio também possui linguagem, como diz KRENAK, em suas palavras: “desenvolvemos uma consciência, desde pequeno, que aquele ser é vivo, que ele tem personalidade, tem humor” (2020b). A Mata também é remédio e alimento, fonte de conhecimento e aprendizados. Os autores Dorvalino Kanhgág e Krenak pensam o Bem Viver coletivo, na educação como potente agente socioambiental, compactuando a ideia de que os jovens, que estão entrando em contato com o campo da ciência, são importantes à compreensão de que a Terra é um organismo vivo, que ela não é “uma coisa”, nem segue uma lógica utilitarista. Ainda segundo: KRENAK (2020b): “Nós não podemos mais continuar atendendo a esse pedido do mercado de formar profissionais, de formar técnicos, de formar gente para operacionalizar o sistema. Nós vamos ter que pensar em ajudar a formar seres humanos para habitar uma Terra viva, para a gente escapar do que o Bruno Latour chama de necropolítica. Se não formos capazes de nos inspirar para criar corpos vivos para uma Terra viva, nós não vamos experimentar o Bem Viver”.

É imprescindível perceber a forma, as nuances e as raízes presentes na totalidade de um pensamento mitológico, sensível e ancestral. A fala enfática de Dorvalino, enquanto liderança Kofá Kanhró Gufã, nos abriu o horizonte para as suas lutas, a sua experiência como estudante durante a tutela do Serviço de Proteção aos Indígenas – SPI e o trabalho forçado. Esse intelectual propôs, enfim, uma visão pedagógica mais acolhedora, equitativa e que as diferenças sejam respeitadas, agregando a ciência do concreto e a ciência ocidental, o conhecimento tradicional em dialogo com o técnico.

4. CONCLUSÕES

O sábio ancestral, tendo o olhar atento do que não deve ser copiado do branco, prefere tecer mudanças, em suas palavras: “não trabalhar com críticas, mas sim, contribuir para arrumar a casa.” Dorvalino Kanhgág disseminou coletividade em seu saber: “na nossa filosofia nada está separado.” Na língua

kanhgág, a filosofia significa o pensamento como algo bom e bonito, capaz de acolher e compartilhar. O meu objetivo é passar esta mensagem.”

Os intelectuais ameríndios que pensam no Bem Viver sociocultural, visando as florestas em pé, a empatia e a simpatia pela natureza, bem como a proposição de formas de ensino superior que compactue com esse pensamento, além de objetivar o aprendizado mútuo e intercultural. Em conclusão, uma universidade que forme seres humanos conscientes, uma sociedade que reconheça a natureza como sujeito de direitos, essas são “as ideias para adiar o fim do mundo” trazidas pelo Dorvalino Kanhgág e Ailton Krenak.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei Federal no 11.645 de 10 de março de 2008.** Acesso em 09 out. de 2024. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

CARDOSO, Dorvalino R. **Kanhág jykre kar - filosofia e educação kanhgág e a oralidade uma abertura de caminhos.** 2017. Mestre em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. Kanhgág jykre kar Filosofia, educação kanhgág e a oralidade: uma abertura de caminhos **Revista Latino-Americana de História.** São Leopoldo, v.10 n. 26, p.08-45, ago./dez de 2021

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo. In: **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** São Paulo: UNESP, 2.ed.,1998, p. 17-34

ECUADOR. **Art. 72. Constitución de la Repùblicca de Ecuador, 2008.** Acesso em 09 de out. 2024. Disponível em: <http://www.asambleanacional.gov.ec/documentos/constitucion_de_bolsillo.pdf>

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

_____. **Bem Viver .** São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

_____. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022

LÉVI-STRAUSS, Claude. "A Ciência do Concreto". In: **Pensamento Selvagem.** Campinas: Papirus, 1989, p. 15-50.

ROSA, Rogério R. G. **"Os Kujá São Diferentes": Um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro.** 2005. Porto Alegre: PPGAS-UFRGS (Tese de Doutorado).